



Thiago Bernardino de Carvalho é pesquisador da área de Pecuária do Cepea. Mensagens para cepea@usp.br

Colaborou:
Alessandra da Paz
Gestora da Equipe de Comunicação do Cepea

Cenário global pode sustentar ritmo de embarques brasileiros

As exportações brasileiras de carne bovina estão acima de 100.000 toneladas mensais desde julho de 2018 e foram recordes em 2019, o que, inclusive, levou os preços internos da arroba a patamares também recordes no final do ano. E, por enquanto, o atual cenário global indica que esse ritmo intenso de vendas deverá se sustentar em 2020. Sozinho, o Brasil é responsável por cerca de 15% da produção mundial de carne bovina. Junto com os Estados Unidos e a China, responde por quase 46% do total mundial. Os Estados Unidos são líderes em produção e grandes exportadores, mas também grandes importadores. Já a China, apesar de ser um grande produtor, enfrenta restrição de área, além de problemas sanitários – como os persistentes casos de Peste Suína Africana (PSA) – que forçam o país a buscar alternativas de compra.

Outros tradicionais países produtores de carne têm desafios relacionados à restrição de área produtiva (como Uruguai e Paraguai), fatores políticos (como a Argentina), alto custo de alimentação (caso de países europeus e Canadá) e problemas climáticos (Austrália). A Austrália, aliás, enfrentou recentemente intensas queimadas, que devem reforçar a já observada diminuição na oferta doméstica de carne – vale lembrar que o país já foi um importante fornecedor de carnes à China. Destaca-se, ainda, a Índia, que, apesar de possuir um grande rebanho, enfrenta dificuldades em termos sanitários e produtividade, além da questão religiosa.

Competitividade brasileira

Além da redução na oferta global, outro fator que permite ao Brasil atender o aquecido mercado internacional é sua maior competitividade, o que fica evidenciado pelo custo de produção mais baixo do que o dos concorrentes. Dados de 2018 apresentados na última Conferência do Agribenchmark Beef (evento anual que reúne pesquisadores do mundo todo para comparar e discutir dados zootécnicos e econômicos da pecuária de corte de diferentes países), realizado em 2019, na Namíbia, África, mostram que a pecuária de corte brasileira se destaca no comparativo mundial, apresentando um dos menores custos para produzir 1 kg de carne.

Quando considerados os custos de produção por bezerro (cria), os países mais competitivos são: Ucrânia, Argentina, Uruguai, Brasil, Colômbia, Paraguai, Austrália e África do Sul. É importante notar que a maioria dos países com custo baixo está na América do Sul, região que tem como característica o sistema de criação a pasto. A Ucrânia registra os menores custos de produção de bezerro no mundo devido à alta

qualidade de seu solo, que favorece a produtividade.

Segundo dados apresentados na Conferência do Agribenchmark Beef, o custo para produção de um bezerro na Ucrânia é de aproximadamente US\$ 100 para cada 100 kg de peso vivo, enquanto, no Brasil, a média das fazendas de cria está por volta de US\$ 200/100 kg de peso vivo. Ressalta-se que, como a pecuária nacional é bastante heterogênea, algumas fazendas levantadas no Brasil apresentam custos próximos a US\$ 100 a cada 100 kg, ao passo que, em outras, os gastos estão acima de US\$ 200 – com base em dados de 2018. As fazendas com os maiores custos de produção de bezerro estão localizadas principalmente na Europa, devido à política de subsídios utilizada no continente.

Custos na terminação

Já na recria/engorda, os países que apresentam os menores custos são a Ucrânia, Argentina, Brasil, Colômbia, Paraguai, África do Sul e Namíbia. Destaca-se, mais uma vez, a maior presença de países sul-americanos como mais competitivos. Na Ucrânia, os custos da terminação foram calculados, em 2018, como sendo abaixo de US\$ 200 por 100 kg de carcaça vendida. No Brasil, o patamar de custos varia de pouco mais de US\$ 200 até pouco menos de US\$ 100 por 100 kg de carcaça vendida. Essa grande variação se dá em função dos diversos sistemas adotados, dos extensivos até o confinamento, no caso brasileiro. Os maiores custos novamente são observados em países europeus, que, assim como no sistema de cria, demandam subsídios para a produção – posto que, na maioria dos casos da Europa, o preço de mercado não cobre as despesas para produzir, inviabilizando a atividade pecuária do continente.

No Brasil, apesar dos custos mais elevados na recria-engorda, parte dos produtores já busca aumentar sua produtividade, que – vale lembrar – está muito aquém do potencial. Um exemplo de como ainda se pode avançar são os Estados Unidos. Com rebanho de 89 milhões de cabeças, esse país produz uma média de 133 kg de carne por animal/ano, se bem que a um custo alto (US\$ 356 a US\$ 407 para cada 100 kg). Já o Brasil, com rebanho de mais de 200 milhões de cabeças, tem produtividade de apenas 45 kg/animal/ano, embora a um custo menor, como já mencionado. O potencial de crescimento da atividade no Brasil é uma alternativa para suavizar os custos e continuar sendo um importante *player* no mercado internacional. ■